




condição humana

23 – 29 de junho 2025 , Palácio do Alegrete



Afonso Matos
Anita Nunes Fernandes
Beatriz Cunha
Benjamim Guerra Santos
Berenice Simoes
Carolina Sul da Costa
Carolina Ramos
Cristiano Spencer
Francisco da Bárbara
Gabriela Jóia
Gabriela Rito
Isabela Setúbal
Lucas Pinto Coelho
Mariana Correia
Matilde Lambin
Teresa Vieira
Orlando Peres
Renata Teixeira
Simone Medeiros
Sofia Cupido
Zoe Amorim

afonso matos

2003, Lisboa, Portugal
afonsomatos2003@gmail.com

Memórias Contemporâneas

A Quinta Alegre é um espaço que no seu aspeto físico contém apenas sinais dos seus ocupantes mais antigos, tendo os eventos modernos e atuais exercidos no espaço a possibilidade de só e apenas serem guardados no nosso consciente, inconsciente ou subconsciente. Esta obra interativa (com as estruturas baseadas na planta do piso que ocupa) pretende assim dar a chance às pessoas que passam e usam o espaço consistente e atualmente de terem uma marca física das suas ideias e memórias, quereres e pensamentos tal como as paredes e estruturas originais do espaço em si o deram aos seus ocupantes originais.

Ripas de madeira (12 × 18 mm), estruturas paralelepípedas de dimensões variadas; Tinta branca, tecido, papel, corda, filtros de gel, diversos meios riscadores



anita nunes fernandes

2003, Lisboa, Portugal
@_.anytta.
anytta.frds@gmail.com

Beyond the veil of skin

Neste projeto, pretendo explorar a condição humana da fragilidade física e vulnerabilidade do corpo e a sua ligação com a sexualidade, uma exploração de sentimentos como culpa, vergonha, prazer ou desconforto para instigar no espectador a sua interpretação com base na sua própria relação com as temáticas. A obra não apresenta qualquer preconceito, ou condenação, ou noções preconcebidas, de forma a não influenciar ou moldar a interpretação do observador.

Colchão, tecidos e bioplásticos; 192 x 97 x 21 cm
Vidro Fundido; 29 x 21 cm; Madeira Queimada, Pâte de Ver



beatriz cunha

1959, Lisboa, Portugal
@beatrizcunhasculpture
btrzcunha@gmail.com

O Invisível Suporte da Memória

A da Quinta Alegre é o ponto de partida deste projeto.

A visita ao sótão do edifício, inspirou-me a estabelecer uma ligação entre os serviços que ali habitaram e a estrutura física do palácio. A sua presença era essencial para o funcionamento da casa, tal como as vigas que a sustentam sem se deixarem ver. Há um paralelismo entre estas duas realidades, ambas ocultas, ambas parte da mesma engrenagem que mantém a casa viva e operante. Nesta instalação, através de objetos cerâmicos combinados com estruturas em madeira, procurei dar forma à ideia de interpenetração dessas dimensões.

A madeira, um material leve, mas durável, ecoa a função estrutural visível no sótão, enquanto a cerâmica, frágil, mas resistente, representa o trabalho e a presença discreta dos serviços.

A forma circular das peças cerâmicas remete para objetos de uso quotidiano, sem que assumam uma função utilitária. São sinais de uma presença que foi essencial e que agora é revelada de forma simbólica.

Cerâmica e Madeira; Dimensões variáveis





benjamim guerra santos

2003, Portugal
@b.g.s_art
bgsart12@gmail.com
benjamim2003@gmail.com

Coluna do Alegrete

Com esta escultura proponho uma alegoria visual do ciclo de ascensão, queda e renovação do Palácio do Alegrete. Composta por caixas de vinho empilhadas em forma de coluna, incorpora um mecanismo que as deixa cair e reorganiza por um cabo de aço, evocando a impermanência e a resiliência. Inspirada em formas como obeliscos e totens, num gesto modernista à la Brancusi, dialoga com a história fragmentada deste espaço: da sua opulência aristocrática à degradação e atual requalificação. As caixas, símbolo de celebração e descarte, encenam o movimento do tempo, questionando a solidez da memória e a eficácia dos nossos gestos de reconstrução. Convido à reflexão sobre o que significa habitar um espaço marcado por ausências e camadas históricas, propondo o Alegrete como lugar simbólico em contínua transformação. Neste ciclo performativo, reside uma pergunta: podemos realmente reerguer o passado, ou apenas reinventá-lo em sua queda?

Caixas de Vinho de madeira, Cabo de aço



berenice simoes

2004, Lisboa, Portugal
biscasim@gmail.com

Matriz Restaurada

A ligação entre a história do palácio e a atualidade faz-se a partir dos frescos e de seu restauro, a partir de plataformas digitais, de forma a remeter para a crescente presença de informação apresentada online. Cada vez mais se questiona a sua autenticidade. Testemunhamos fenómenos como a desinformação. A matriz, (os frescos) é alterada absurdamente tendo pouca ligação com a sua forma original e “real” palpável, e/ou material como património da família dos Marqueses do Alegrete.

Metal, Pano, Acrilico, Televisor; 2 x 1,25 x 1,25 m



carolina sul da costa

suldacosta.squarespace.com
suldacosta.carolina@gmail.com

e mudo falei

Reflexão sobre a presença contemporânea do espaço exterior da Quinta Alegre, cruzando fragmentos do corpo humano com imagens e histórias dos utentes do lar vizinho ao palácio. As esculturas funcionam como símbolos sensoriais e meios de escuta, visão, toque e respiração, convocando o corpo como ponto de ligação com o espaço.

Um gesto de reencontro entre o corpo e o lugar, onde o passado ainda sussurra.

Peças em gesso de dimensões variáveis;
Fotografia Analógica; Fotografia Digital





carolina ramos

2001, Barreiro, Portugal
@yocarolino
c.p.r.l.s.xxxx@gmail.com

“Organismo Contraditório”

Este projeto nasce a partir da condição efêmera que temos enquanto seres vivos, e do quão bela e até poética ela é.

Um instante intenso de sentir e existir, que só é realmente conhecido por quem o experienciou. Um instante não palpável, mas que, em alguns casos, é eternizado contra a sua própria natureza, apenas através de interpretações.

Cerâmica e Metal



cristiano spencer

2001, Barreiro, Portugal
@sculptural_cr1sys
sculptural.cr1sys@gmail.com

“Past present in the future II”

Esta série de esculturas propõe uma reinterpretação contemporânea da arqueologia, através da utilização de elementos eletrónicos como símbolos de uma memória material em vias de desaparecimento. O trabalho parte da premissa de que os resíduos tecnológicos da nossa era circuitos, componentes, estruturas podem ser encarados como futuros artefactos arqueológicos. Para reforçar essa ligação, recorre-se ao grés chamotado, um barro denso e resistente, com textura reminescente da terra seca e das superfícies erodidas pelo tempo. O grés, enquanto material primordial e historicamente ligado à cerâmica utilitária e à escultura ancestral, funciona aqui como ponte simbólica entre passado e presente. Através deste diálogo entre o natural e o tecnológico, o trabalho explora a ideia de uma “arqueologia moderna”, em que os objetos eletrónicos são moldados e imaginados como fragmentos de uma civilização em constante transformação. Esta instalação convida o espectador a refletir sobre o que deixamos para trás não apenas em termos de resíduos, mas também de significados.

Consolas e monitor em grés, com materiais diversos.





francisco da bárbara

2003, Setúbal, Portugal
fjorgebarbara@gmail.com

O peso do conforto

Aquilo que mais me tocou quando visitei o Palácio do Alegrete foi a falta de mobiliário e de objetos, pensei logo na minha casa e tentei imaginá-la sem nada. A nossa casa e sobretudo o nosso quarto são espaços de conforto, e imaginá-los tão despidos deixa-me desconfortável. Escolhi o Quarto do Marquês para representar esta ideia de conforto perdido, já que o quarto é o nosso espaço especial e de certa forma o nosso “ninho”. Para representar essa ideia decidi criar uma manta flexível com várias peças de cerâmica unidas por fios de algodão. Algumas destas peças têm nas suas faces pormenores que se encontram nos frescos da parede e no teto do quarto, criando assim uma manta pesada e desconfortável de ser usada, remetendo para a tal despersonalização do espaço e os seus efeitos.

Peças de cerâmica cosidas numa manta; 146 x 97 x 17 cm



gabriela jóia

2001, Lisboa, Portugal
@ingratosdecarbono
fgabrielajoia@gmail.com

Studium & Punctum

Este trabalho aborda a degradação e o furto de azulejos históricos como expressão da perda cultural e da ação humana sobre o património. A ausência visível de azulejos nos murais da Quinta Alegre motivou uma intervenção escultórica que reimagina esses elementos em madeira, criando uma nova interpretação artística e contemporânea do património. As peças recriam padrões e relevos dos azulejos originais, destacando o contraste entre o que foi e o que permanece, entre memória e esquecimento. A escolha da madeira sublinha a presença da ausência e estabelece um diálogo com a história do espaço, evidenciando o contraste entre o antigo e o novo. O título *Studium & Punctum* inspira-se em Roland Barthes e seus conceitos: o *studium*, interesse histórico e cultural; e o *punctum*, o detalhe que fere e emociona, diretamente ligado à ausência dos azulejos. A escultura “fotografa” a ausência, tornando visível o que foi perdido e servindo como testemunho artístico da memória e transformação do património.

Azulejos de Madeira de Mogno.



isabela setúbal

2004, Seixal, Portugal
isabela.setubal04@gmail.com

Valor do desperdício

Esta obra reflete sobre a produção excessiva que existe para corresponder expectativas sociais de festas que são meramente performativas.

Aludindo aos frescos presentes na casa, os grandes banquetes e festas nasce esta obra. Uma evidência do exagero, da ganância e desperdício. O desperdício é aquilo que confere riqueza, o poder ter, numa época onde muitos têm pouco, aqueles que têm exibem-se pela necessidade de ascensão e confirmação social.

Aqui sirvo o desperdício, aquilo que restou de um outro momento e fica em evidência tudo aquilo que iria dissipar-se, algo que veio do esforço de trabalhadores para poder existir torna-a uma peça decorativa sem valor além de encher o olhar.

Objetos escultóricos em parafina, tabuleiro em prata, tecido



mariana correia

2002, Lisboa, Portugal
mcorreia12@edu.ulisboa.pt

Mestre

O serviço doméstico espelhava a sociedade em que a família desempenhava um papel político, social e económico muito importante, como tal, o número de criados que alguém possuía era um sinal de estatuto.

Ao apelar esta obra de “Mestre” elevo o trabalho escondido e não valorizado dos criados convidando, assim, o público a tomar consciência do trabalho não visto.

Madeira; 28 x 67 x 92 cm



matilde lambin

2002, Lisboa, Portugal
mcorreia12@edu.ulisboa.pt

Cacos

A obra *Cacos* parte da reconfiguração de um candelabro clássico, símbolo de luxo e ornamentação palaciana, agora desfigurado, desmembrado, caído. O espectador depara-se com fragmentos de azulejo – cacos – suspensos como testemunhos de uma queda. Estes cacos evocam tanto a tradição decorativa portuguesa como o abandono e a degradação. A peça representa o que acontece aos objetos – e aos espaços – quando perdem o cuidado e o afeto. O título *Cacos* assume assim um duplo significado: refere-se diretamente aos materiais usados e também ao estado fragmentado da memória, da história e da identidade de lugares. Por vezes, são as quebras e imperfeições que melhor contam a história de um lugar, um convite à contemplação daquilo que se perdeu – e da beleza possível na imperfeição e na ruína.

Estrutura metálica com azulejos e cristais.



teresa vieira

1961, Lisboa, Portugal
@TeresaOficinadeArtes
vieira.tv@gmail.com

Aprisionar versus Libertar

Reflexão sobre o uso do espartilho através dos tempos, que passou também pelo quarto da Marquesa do Alegrete e de que forma a sua evolução através dos tempos alterou profundamente o seu significado, e o tornou num símbolo de sensualidade. Este acessório “de morte” para algumas mulheres, de aprisionamento físico, intelectual e emocional, para outras, durante décadas apossou-se do corpo físico feminino, modelando-o por deformação. Foi resgatado com uma nova significância, e significado por Jean Paul Gaultier e Madonna, tornando-se num símbolo na indústria da moda, representando uma “referência para a libertação das mulheres em todo o mundo”.

Três espartilhos em tamanho real: faiança vidrada, ferro (5 mm),
veludo adamascado, veludo preto.





orlando peres

1963, Abrantes, Portugal
olaperes@gmail.com

Diplomacia

Telles da Silva, Diplomata de profissão, sempre perto da corte e com bastante sucesso, foi Embaixador de profissão ao serviço de D. Pedro II, considerado um dos primeiros diplomatas portugueses, mostrou a sua influência nos negócios onde representou o monarca. Esta mala em ferro, com medidas irreais, projetada com base na estrutura das varandas do Palacete da Quinta Alegre, viradas para o pátio de entrada, representa aquilo que Manuel Telles da Silva fez ao longo da sua vida, a sua carreira diplomática e a sua relação intrínseca com a sua casa de veraneio.

Mala de ferro - Barras de ferro de 60 x 6 cm e 40 x 3 cm
(medidas 240 x 220 x 100 cm)





renata teixeira

2001, Lisboa, Portugal
renatatx.mail@gmail.com

Navio de Teseu

Durante a visita à Quinta Alegre, anotei várias restaurações que teriam sido feitas previamente à casa- sendo muitas delas feitas em azulejos. A ligação ao mito do Navio de Teseu foi imediata e decidi representar alguns dos azulejos pertencentes à casa de um modo interativo de maneira que a minha obra seja facilmente alterada por qualquer pessoa que interaja com a mesma- assim representando estas alterações que a casa sofreu ao longo dos anos.

Painel interativo de Azulejos em Grés (14 x 14 cm)
com dobradiças de madeira



simone medeiros

2003, Barreiro, Portugal
simonepmedeiros93@gmail.com

Encontros

Na visita à Quinta Alegre, a Sala das Artes destacou-se pela decoração dos tetos, especialmente pelas pinturas de instrumentos musicais, que me inspiraram a criar esta instalação.

Esta obra tem como objetivo proporcionar uma experiência imersiva, recriando um ambiente orquestral onde o passado e o presente convergem.

Inspirada no estilo Barroco da casa, a instalação utiliza projeções de sombras para simular músicos a tocar, evocando uma orquestra barroca. O som, mais do que simples fundo, assume um papel central e vivo, promovendo um encontro sensorial entre o público e a memória do espaço. A instalação convida à escuta, à observação e à reflexão, promovendo um convívio entre os “fantasmas” da casa e os seus visitantes.

Instalação vídeo e som estéreo



sofia cupido

2003, Lisboa, Portugal
sofiacupido11@gmail.com

XXX

Esta obra tem como objetivo evocar memórias a partir da utilização do som, utilizando o mesmo áudio em dois locais diferentes. Para tal, procura-se dar uma experiência auditiva ao espectador em duas zonas do palácio, levando-o a reinterpretar o mesmo som conforme o local em que ele se encontra com o propósito de imaginar cenários hipotéticos ligados ao som.

Tacho e colunas de som.



zoe amorim

2003, Lisboa, Portugal
zoeamorim@gmail.com

Roedor Perpétuo

Quando visitei o espaço, a Quinta Alegre, apesar da beleza dos frescos que residem por todo o interior do palácio, não pude deixar de pensar na falta de higiene e condições de vida na época em que o espaço foi construído e utilizado como residência. O contraste entre o belo e o nojento.

Decidi então criar este híbrido, um homem-besta com inspiração num dos frescos do palácio.

Criando então estes híbridos homem/rato instalo-os, naturalmente, na cozinha.

Aço (Ø 6 mm), grés, tinta acrílica, látex, arame, papier-mâché;
Dimensões variáveis



